

FORA DE TEMPO

As palavras que confessam o meu amor por ti
São um composto químico fora de validade.
Uma mistura de emoção, fluidos e suor frio
As palavras simples de outrora já despiram a beleza
São cruéis, frias e solitárias no momento
Palavras de Inverno e temporal no mar
Mar salgado em lágrimas e prantos de naufrágios.
Eu que fui um imenso barco de quatro mastros
Naufraguei hoje ao demandar a barra do Douro. Rio do meu desencanto
Inundado em fluidos do olhar que brotam. Lágrimas de saudade...
Fora de validade! Não é valido o nosso amor. É imaginação minha.
Portanto um composto químico fora do corpo. O teu não existe.

O corpo preso no aço
A garganta envolta nas correntes
Que garroteiam a voz...
Nem me lembro da tua voz!
Será que existe?
Será que tem som?
A tua voz!

Este foi um naufrágio doloroso.
A dor de abandonar a Cantareira rumo ao sul
Para longe. O outro lado do mundo.
Sempre uma direcção contrária.

As palavras que confessam o meu amor por ti
Não tem letras
São folhas de papel em branco.
O livro branco do desamor
Ou em ultima instância, ou no ultimo fôlego
A ausência do amor. O nosso amor!

O corpo preso na lâmina, o fio da navalha...
Toda a minha vida é um imenso fio da navalha, de ponta e mola!
E tu!
Degladias-te bramindo a lâmina no espaço, brilhando ao sol
O brilho ofusca o meu olhar. Assim cego
Tacteio as paredes húmidas do salitre
Que escorre lentamente bem por dentro.
Uma mistura perigosa de água e cloreto de sódio

Que corrói e envelhece o aço que aprisiona o corpo.
Confesso que um dia, corroídas que forem as grades prisão
Vou de novo em tua busca
E ai sim. Disfarçado de Arlequim ou Deus Apolo
Levo comigo os trovões, o vento, as tempestades.
O mar, as medusas, e os tritões.
Os bandos de gaivotas atrevidas
As andorinhas do mar
Os corvos negros, os mergulhões.
Todos os golfinhos, os arroazes e as toninhas.
Liberto das grades, a prisão esfera de aço.
Emergo das profundezas, do silêncio azul
E retorno ao Douro às pedras centenárias do cais na Cantareira
Aonde me sentava contigo ao fim de tarde
Onde as gaivotas e o por do sol, partilhavam os nossos beijos, as juras eternas
Do amor que não existe. Porque este não é o meu Douro ou o meu rio...
E os teus lábios estão cruelmente frios como o aço da lâmina!

Serei o Deus renascido, a Fénix, ou Ícaro?

E tu! Continuas a rir, e a degladiar-te com a aflição que sinto.
Espécie de Minotauro em fascículos descontínuos...

Deixo que o barco se abandone à sua sorte numa praia qualquer.
A madeira minada pelo taredo, ferida de morte!
Aos poucos, lentamente larga a ossada, as cavernas desconjuntam-se
A roda de proa tomba! Altivamente! Orgulhosamente! Heroicamente!
A amura descai, o través, a popa. Uma dor que sinto, pedaços de mim à deriva.
O vento do norte junta-se ao festim e trás a areia, que grão a grão. Milhões de grãos.
Me dão a sepultura possível, longe do olhar dos homens que me abandonaram.
Eu que também fui homem e barco com alma.
Perdi a minha no dia que confessei o meu amor por ti!
Morro só! Sem alma e só!

E tu!
Um dia quando tiveres tempo e te lembrares, ou releres a tua agenda
Vais encontrar as folhas em branco, as nossas folhas...
Fora de tempo e sem validade.
Nesse instante!
Se ainda existir em ti um coração. Tenho essa esperança...
Vais sentir o sabor do meu mar.
O meu mar de salitre. Que corrói!
O meu mar salgado em lágrimas e prantos de naufrágio!
O meu mar de negro! Do crude "Prestige" pestilento!

João Baptista

O meu mar de luto!
O meu mar sem alma!

E eu vou estar bem no molhe
Junto à Cantareira. Sou um dos velhos lobos-do-mar ao acaso... Descrito por Redol...
E por entre os clarões do farol
Vou ver o brilho das tuas lágrimas assumidas
Lágrimas de saudade e da ausência consentidas!
A tua ausência. À qual me habituei desde que me reconheço.

Já não me vais reconhecer, meu amor.
Sou todos os rostos de velho, pintados num quadro
Do pintor anónimo em fim de semana...

Confesso que tudo isto é confuso.
O amor.
A saudade.
O mar.
A ausência de notícias.
Ou imaginar-te.
O ser um barco dos antigos, com quatro mastros,
Mas sem as velas que me levem na brisa, ou me empurrem até ti.
As tuas lágrimas assumidas como lâminas
Do punhal que me rasga a carne
E me faz sangrar.
Confesso que o coração ainda bate
Leva nas artérias a dor
E trás nas veias a saudade...
Porque as palavras que confessam o meu amor por ti
Continuam um composto químico fora de validade...
Sem tempo!